

REPORTAGEM

A Escola Nacional de Belas Artes

F. DE A. NOGUEIRA

PROSSEGUINDO nestas notas sobre as nossas Escolas Superiores, e, especialmente, as da Universidade do Brasil iremos agora escrever alguma coisa sobre um dos centros culturais mais simpáticos da nossa vida acadêmica: a Escola Nacional de Belas Artes.

Não será preciso afirmar que isso que se chama Arte (e que Croce definia como "tudo aquilo que todos sabem o que é", ou "visão ou intuição"), constitui uma espécie de realidade inerente ao espírito humano e que, entre nós, cada vez mais, se desenvolve sob vários aspectos, entusiasmando jovens e velhos.

Para têrmos, porém, uma visão melhor de como se preparar os nossos artistas, torna-se preciso visitar o centro principal de suas atividades. Este é, sem dúvida, como se disse a Escola Nacional de Belas Artes.

Conversando com o seu Diretor, mestres e o Presidente do Diretório Acadêmico, tivemos ocasião de colher impressões gerais sobre as atividades da Escola, suas realizações e dificuldades, a orientação que os professores imprimem às suas disciplinas, o ideal dos jovens, sempre otimistas, enfim, tudo que se prende diretamente a essa Casa de ensino, que, apesar de tôdas as vicissitudes por que tem passado, merece o louvor de todos os que prezam a cultura do Brasil nos seus variados setores. Isto posto façamos um passeio, embora rapidamente, sobre o passado desta Escola, que tanta glória tem dado às artes brasileiras.

INÍCIO

Antônio Araújo de Azevedo, Conde da Barca, como regente de tôdas as pastas ministeriais, no Governo de D. João VI, incumbiu, em fins do ano de 1815, ao Marquês de Marialva, encarregado dos negócios de Portugal na França, de contratar diversos artistas para fundar o en-

isno artístico no Brasil. Foi, então, convidada uma missão Francesa, que aportou no Rio de Janeiro a 26 de março de 1816, composta dos artistas: Joaquim Lebreton, João Baptista Debret, Nicolau Taunay, Augusto Taunay, Augusto Henrique Victório Granjean de Montegny, Simão Pradier, Francisco Ovide, Carlos Henrique Levasseur, Luiz Meunier, Francisco Bonrepose e Pedro Dillom. Para completar êsses primeiros passos, a 12 de agosto de 1816 foi criada a *Escola Real de Ciências Artes e Ofícios*; e, mais tarde, em 1º de outubro de 1820, foi decretada a criação da *Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil*. Aliás, diga-se de passagem que a Academia, quanto já estivesse criada, só veio a funcionar no ano de 1826, seis anos depois de ser decretado o início de suas atividades, em 23 de novembro de 1820, graças à energia do Ministro do Império, Estevão Ribeiro de Rezende.

LEGISLAÇÃO SÔBRE A ESCOLA APÓS A FUNDAÇÃO DA ACADEMIA

Em 14 de maio de 1855 o ministro Luís Pêdroreira do Couto Ferraz deu nova organização à Academia, sendo esta a sua primeira reforma, com a qual foi criado um curso noturno e um quadro de professores honorários para substituições dos efetivos, assim como deu instruções especiais estabelecendo a pensão anual de mil francos, aos alunos em viagem de estudos. Essa reforma, modificada em 25 de maio de 1859, criou dois cursos: um diurno e outro noturno; em 16 de maio de 1871 foi transferida a aula de História das Belas Artes, Estética e Arqueologia para o curso noturno; em 8 de novembro de 1890 o Governo, em substituição à Academia criou a *Escola Nacional de Belas Artes*, dando-lhe nova organização. Mais tarde, em 1901, nova reforma é feita, quando ministro da Justiça Epitácio Pessoa; com o advento de Lei Orgânica do Ensino, em 1911, sendo Ministro da Justiça Riva-



Vista parcial do Salão da Congregação da Escola Nacional de Belas Artes. Na parede, os quadros de D. João VI e D. Pedro II; em baixo, o retrato em gesso de Lebreton, primeiro Diretor estrangeiro da Escola.

dávia Correia, a Escola passou por outra transformação; em 1915, no Governo Venceslau Braz, o Ministro da Justiça, Carlos Maximiliano, deu nova organização aos cursos da Escola, pelo Decreto n.º 11.749, de 13 de outubro daquele ano; com a anexação da Escola à Universidade do Rio de Janeiro, em 1931, o ensino sofreu radical modificação; e, por último, em 6 de julho de 1933, o Decreto 22.897, atualmente em vigor, alterou o ensino na Escola, dando nova organização ao Curso de Arquitetura e ao curso de Pintura, Escultura e Gravura.

Vejamos, em seguida, algumas

ATIVIDADES DA ESCOLA

A primeira distribuição de prêmios aos alunos foi feita em 19 de dezembro de 1834, e o primeiro aluno da Academia que seguiu para o estrangeiro, a fim de aperfeiçoar seus estudos, foi Rafael Mendes de Carvalho, por deliberação da Assembléia Legislativa, sancionada em 19 de setembro de 1845; logo em seguida, a 19 de dezembro dêste mesmo ano, foi criado o prêmio de viagem à Europa, com permanência no estrangeiro de 3 anos, a qual, em 1852, foi elevada para 5 anos. Por outro lado, o primeiro aluno que obteve, em concurso, o prêmio de viagem, foi o arquiteto João Baptista Ferreira, mais tarde professor e secretário da Academia.

A primeira exposição pública de Belas Artes no Brasil, foi autorizada em 1828, por José Clemente Pereira, a pedido do professor Debret e realizada no ano de 1829; alguns anos depois, em 1830, realizou-se a segunda exposição, e, em 1840, a pedido do Diretor da Academia, Félix Emílio Taunay, foi, pelo Ministro Manuel Antônio Galvão, tornadas gerais essas exposições, até então privativas da Academia. Outrossim, pelo Aviso de 31 de março foi conferido prêmios aos expo-
sidores. A primeira exposição foi realizada no mês de dezembro dêsse mesmo ano. Finalmente, em janeiro de 1937, as galerias de Pintura, Escultura e Gravura, foram desligadas da Escola, passando a constituir o atual Museu Nacional de Belas Artes.

Através de sua vida longa, cheia de transformações, a Escola possuiu inúmeros Diretores, os quais, sempre animados dos melhores propósitos

procuraram, por todos os modos, elevar o padrão de ensino da tradicional Casa. Citemos, pois, o nome dêsses.

DIRETORES

Dirigiram a Academia:

José Henrique da Silva, Félix Emílio Taunay, Porto Alegre (Manuel de Araújo), Tomaz Gomes dos Santos e Ernesto Gomes Moreira Maia.

Por seu turno, foram Diretores na Escola Nacional de Belas Artes:

Rodolfo Bernardelli, J. Baptista da Costa, José Mariano Filho, José Otávio Corrêa Lima, Lúcio Costa, Archimedes Memória, Lucílio de Albuquerque, Paulo Pires, Augusto Bracet e Fléxa Ribeiro, atual Diretor em exercício, havendo passado, eventualmente, pela Diretoria, os Professores: Rodolfo Chambelland, Rodolfo Amoedo, Cincinato Lopes, Paulo Pires, Eugênio Hime e Augusto José Marques Júnior.

Finalmente, teve a Escola nestes últimos anos.

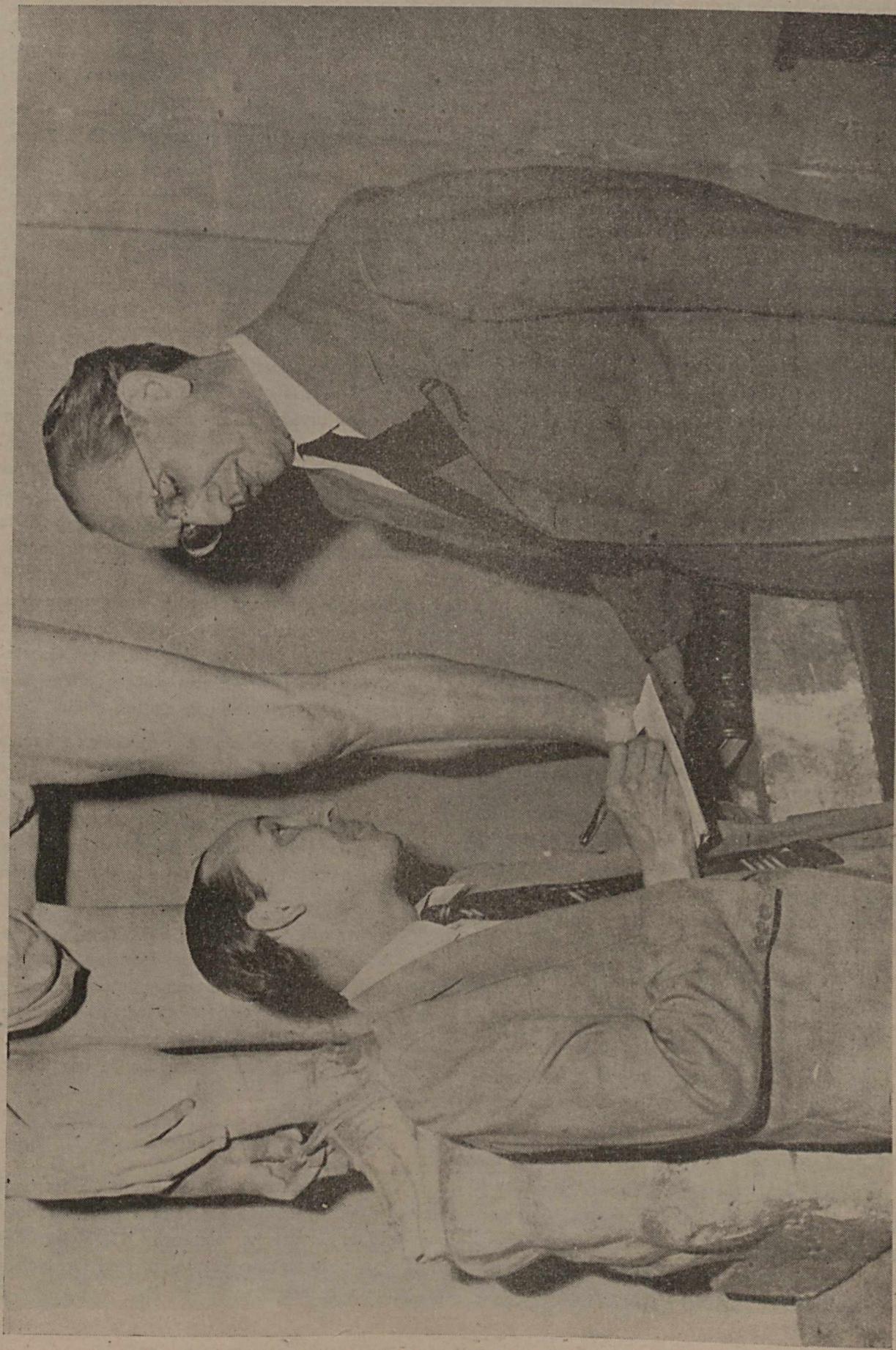
DUAS IMPORTANTES TRANSFORMAÇÕES

Em agosto de 1945, o curso de Arquitetura foi desligado da Escola, passando a constituir a *Faculdade Nacional de Arquitetura*; e em 1947, entrou a vigorar o atual Regimento, criando os cursos de Arte Decorativa, de Professorado de Desenho, de Pintura, de Escultura e de Gravura, ao mesmo tempo que foi restabelecido o Prêmio de Viagem.

Já que tivemos conhecimento, embora resumidamente, de alguns aspectos da história da Escola Nacional de Belas Artes, ouçamos o que nos disse o seu

DIRETOR ATUAL

Declaramos linhas acima que se trata do Prof. Fléxa Ribeiro. Com uma boa soma de trabalhos apreciáveis no domínio da arte brasileira, o ilustre Diretor da E. N. B. A. recebeu-nos atenciosamente e em tudo concorreu para facilitar que obtivéssemos os dados necessários para escrever esta reportagem. As respostas que nos



O Prof. Flexa Ribeiro, Diretor da Escola Nacional de Belas-Artes, à direita, em palestra com o nosso redator

deu dizem do seu conhecimento sobre a vida artística do Brasil, sua confiança na glória sempre crescente que terá a Escola que ele dirige com zê'o e boa vontade. Dêsse modo, iniciamos dizendo :

Pode-nos falar, sintéticamente, sobre a importância artística e cultural de E. N. B. A., através de sua existência ?

— A Escola Nacional de Belas Artes é um instituto que tem acompanhado, com franca atividade, a formação da vida nacional. Pela imagem, seus mestres têm fixado os momentos culminantes da nossa civilização. De tal sorte, e sentimento vivo da pátria que está perpetuado nas esculturas e nos quadros de evocação simbólica saíram da inspiração dos professores que organizaram e desenvolveram, no passado, e hoje, o ensino nessa instituição.

A organização da Escola, desde o seu início, visou sempre abranger múltiplos aspectos da atividade do homem no domínio artístico. Assim, o decreto de 12 de agosto de 1816, que instituiu o ensino das artes no Brasil, trazia no seu programa o fundamento de uma Universidade.

Além dessa primeira organização, conta a Escola com dois largos regimentos de ensino: a reforma Benjamim Constant, no advento da República, e a do Carlos Maximiliano, de 1915. Esses dois regulamentos deram amplitude e segurança aos diferentes cursos que integram o ensino secular das artes no Brasil. Em todos eles sómente a parte das artes decorativas não mereceu o cuidado exemplar que elas reclamavam, especialmente por se tratar de um país de jovem civilização e que dispõe de magníficos campos no domínio da fauna e da flora. O regulamento, atualmente em vigor, decretado já na autonomia da Universidade, procurou corrigir, até certo ponto, a referida lacuna. Evidentemente, que a Escola Nacional de Belas Artes, está num período de reorganização, e que só se completará, quando o poder Legislativo instituir os novos órgãos, indispensáveis à amplitude de sua vida artística e decorativa.

Através de vários períodos a Escola tem tido a felicidade de contar, na sua Congregação, com mestres, artistas de mérito, e de cujo ensinamento a mocidade brasileira tem auferido os mais promissores resultados.

Sendo a Escola de Belas Artes um meio de vida artística do mais alto grau, sempre viveu na comunhão tranquila de professores e alunos que só trabalham com o objetivo do engrandecimento do Brasil dentro da esfera artística.

Fizemos uma segunda pergunta ao Prof. Fléxa Ribeiro:

— Que nos diz sobre as possibilidades atuais da Escola no que concerne ao melhor aproveitamento da parte dos estudantes ?

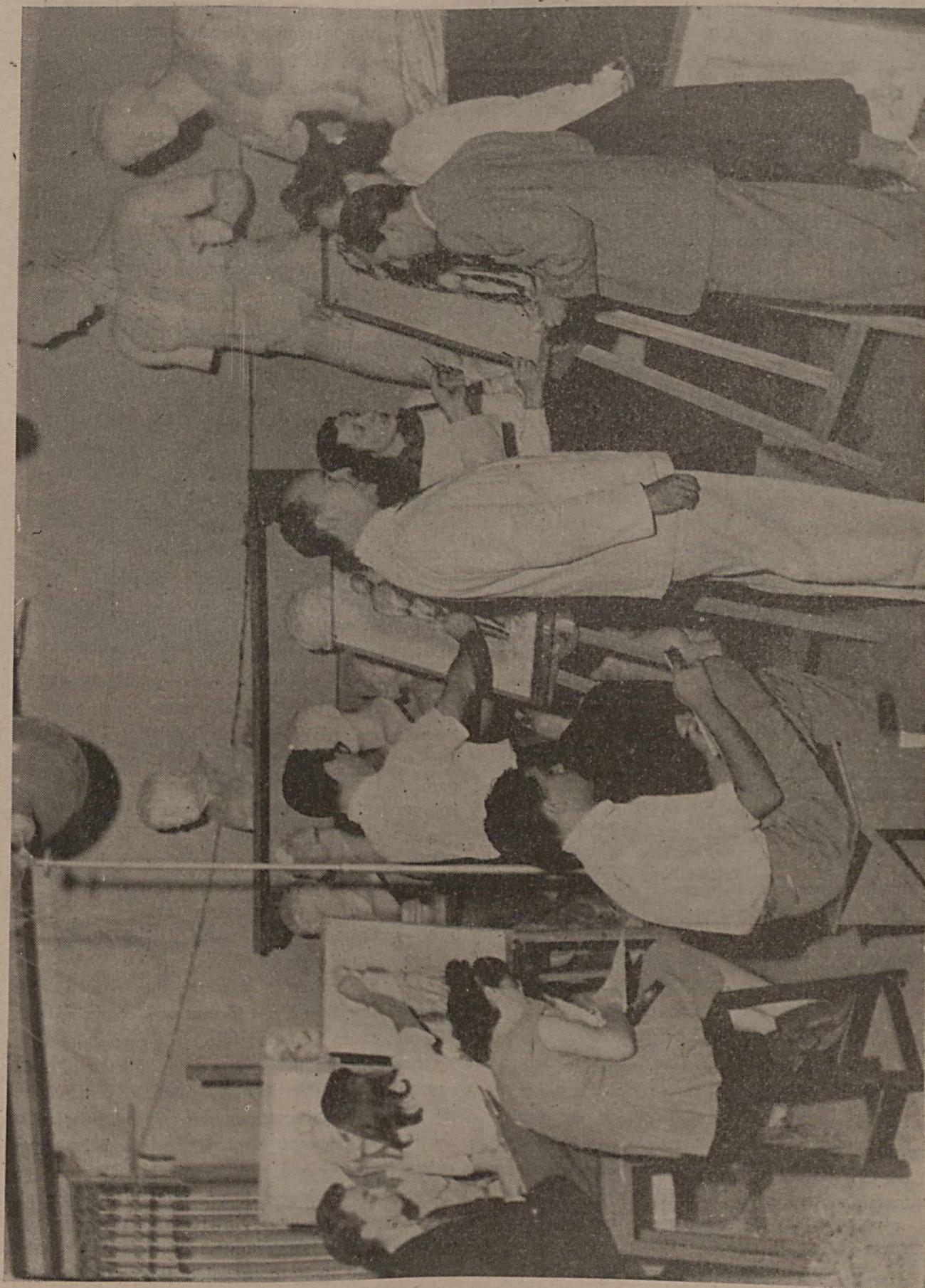
O atual Regimento criando o Curso de Arte Decorativa e o de Professorado de Desenho, ampliou o campo de suas aplicações, e oferece aos estudantes novos caminhos de atividades, o que lhes permitirá uma ação mais ampla e mais profícua no meio brasileiro. Assim, é de esperar, uma vez postos em execução os novos cursos e a cadeira autônoma de Gravura de Impressão (Talho Doce, Água Forte e Xilografia) que a mocidade encontre novos centros de atividade. O novo Regimento estatui ainda a possibilidade do aluno matricular-se numa cadeira isolada das que pertencem ao grupo das teórico-prática e prático-especiais. Convirá ainda assinalar que a criação da cadeira do Desenho de Croquis como a de Teoria, Conservação e Restauração de Pintura, abrem meios inéditos de atividade artística no ensino oficial.

Com a autonomia da Universidade, a Escola Nacional de Belas Artes conta e tem segurança de que realizará os seus maiores objetivos com o pleno funcionamento do atual Regimento que lhe dá os métodos técnicos de conseguir, no meio brasileiro, contemporâneo, ação de alto e maior prestígio.

Procuramos, em seguida, falar com o Secretário da Escola, Dr. Nélson Henrique Batista. Motivo de doença, infelizmente, impediu que o mesmo nos dissesse algo sobre certas atividades gerais da E. N. B. A. Mesmo assim, conseguimos obter alguns dados por intermédio de um funcionário da

SECRETARIA

Quem se prontificou, gentilmente, a fornecer-nos tais dados, embora em poucas palavras, foi o Auxiliar de Escritório, referência XI, Heitor Ferreira que, no momento, respondia pelo Dr. Nelson. Indagamos então:



Aula de Desenho do Prof. Quitino Campofiorito. O ilustre artista, ao centro, fala ao nosso redator, à direita

— E' grande ou pequeno o interesse dos jovens pela E. N. B. A.?

— Sempre houve relativo interesse da juventude pela Escola, sendo que, pelo Curso de Pintura, este interesse é bem maior. Com o estabelecimento do atual Regimento, criando novos cursos, vem aumentando, gradativamente, o número de candidatos que nela desejam ingressar.

— E' suficiente o número de funcionários e há boa vontade na execução das diferentes tarefas?

— Infelizmente a Escola possui um pequeno número de serventes e os funcionários, propriamente, não são em grande número. Todavia, todos procuram executar com boa vontade as suas tarefas. Existe, evidentemente, colaboração da parte de todos.

— Quais os principais cursos existentes na Escola?

— São os seguintes: Pintura, Escultura, Gravura, Arte Decorativa e Professorado de Desenho.

Após isso, fomos falar com

UM ARTISTA DA ESCOLA MODERNA

Este é o Prof. Quirino Campofiorito, um dos artistas mais estimados da Pintura do Brasil de hoje. Laureado com Grande Medalha de Ouro, ex-pensionista da Escola Nacional de Belas Artes, na Europa, no período de cinco anos (1930-1934), tendo aperfeiçoado seus conhecimentos de arte em Paris, Roma e Munich, o Prof. Campofiorito é livre docente de Desenho e Pintura e Catedrático interino de Desenho de E. N. B. A. desde 1938. Merece, sem favor, e essa é a opinião geral dos entendidos, lugar de destaque nos meios artísticos brasileiros.

Encontramos o ilustre mestre dando aula de Desenho a uma das turmas da Escola, turma, aliás, com um número bem regular de alunos. Atendeu-nos com a melhor gentileza possível, prontificando-se a responder aquilo que perguntássemos. Indagamos, imediatamente:

— Como orienta os seus alunos na disciplina que dirige?

— Oriento no sentido do maior rigor que se possa usar no ensino do Desenho a mão livre, ou seja o Desenho de observação ou desenho propriamente artístico-plástico. Embora reconheça que o artista após sua formação profissional de-

verá valer-se de uma inteira liberdade, fazendo da arte a melhor expansão de sua personalidade. Ao jovem que estuda penso que deva exigir-se uma necessária disciplina. Sem liberdade o artista não poderá criar, e sem a disciplina no estudo do Desenho, o jovem jamais alcançará o que lhe possa ser possível. Mesmo os jovens mais talentosos muito se beneficiam no aprendizado metódico e persistente. De outro modo arriscam a perder tempo e sofrer mais tarde irreparáveis desilusões. A orientação que dou aos meus discípulos é do interesse pela natureza, com a experimentação de todos os processos que lhes possam facilitar meios diversos de representação capazes de acomodarem à preferência individual. Esses processos levam ao conhecimento do aluno o mais variado material usado na prática de Desenho. A cadeira que leciono é básica, de modo que não oferece oportunidades para expansões do real talento do discípulo. E' disciplina do 1.º e do 2.º ano. O tempo é pouco e primário para o jovem dedicar-se à conquista dos meios de expressão plástica e poder cuidar de veleidades interpretativas. Para que o estudo do Desenho não se torne monótono, e, consequentemente, fatigante e improdutivo, estímulo o gôsto pelas reais qualidades do bom Desenho, isto é, o Desenho que possa trazer em seu traçado um máximo de sensibilidade. Por isso é que promovo seguidamente trabalhos que escapam ao interesse de um acabamento demorado e comportam um conteúdo de espontaneidade. Julgo que o melhor aprimoramento da educação visual faz-se indispensável para se chegar à habilidade manual.

Perguntamos em segundo lugar:

— Existe real interesse desses alunos nos trabalhos que executam?

— E' grande o interesse que percebo nos meus alunos. Aliás é esta uma das condições que levo em conta na aula. Fazer tudo para que esse interesse exista. De outro modo o estudo nada resulta. Para obter isso não descuido a variedade de modelos e, sobretudo, não poupo esforços no sentido de despertar curiosidade pela beleza que existe no motivo a ser desenhado. O aluno só deve desenhar diante de um modelo que por alguma razão lhe cause interesse. Saber ver um modelo é coisa importante, antes de desenhá-lo. Desse modo tenho conseguido fazer com que os



Aula de modelo vivo. A direita, o nosso redator e, logo em seguida, o Prof. Calmon Barreto, Assistente de Modelo Vivo.

meus alunos trabalhem com prazer. Mesmo sofrendo as deficiências de instalação da aula, posso dizer que noto o melhor interesse pelo estudo, sempre me fica a impressão que vão continuar com idêntico entusiasmo as demais disciplinas, mormente a pintura ou a escultura, cujas aulas são bem mais variadas e próximas da finalidade do aprendizado artístico-plástico. E' verdade que falo muito de arte com os meus discípulos e não perco oportunidade para dizer-lhes quantas satisfações irão ter na carreira que abraçaram. O artista não pode deixar de ser um otimista. Esse otimismo, essa confiança na vida deve começar nos cavaletes da Escola.

Finalizando, indagamos o seguinte ao Professor Campofiorito:

— Possui material suficiente, isto é, meio adequado para realizar os cursos com proveito?

— Infelizmente não. O material de que disponho é mínimo. Não quero dizer que não esteja

sendo proveitoso o ensinamento ministrado com a deficiência do material de que posso dispor, mas se a aula possuisse uma instalação mais adequada, esto certo que os resultados seriam melhores. A situação em que se encontra a E. N. de Belas Artes, abrigando duas outras escolas e ainda o Museu Nacional de Belas Artes, obriga-se a dispor de espaço mui reduzido para a instalação de suas aulas. Este é o mal maior. A minha aula, por exemplo, está localizada no porão, sem altura e iluminação conveniente. Em todo caso a adaptação é a melhor possível. O Prof. Fléxa Ribeiro, atual Diretor da Escola, a exemplo do que fizeram os Diretores que o precederam, vem enviando, sem esmorecimento, esforços no sentido de obter o que falta à instalação mais correta dos cursos. Muito tem conseguido, e se as propostas da Reitoria se confirmarem, o que não há porque duvidar-se, estará a Escola de parabens. Assim mesmo, com as deficiências que a sala de

Desenho apresenta, o esforço dos alunos poderá tudo suprir. Aliás é, esse esforço, o elemento de que não pode prescindir qualquer estudo e muito menos o das artes. O que falta à sala onde leciono, como à Escola toda, é o mesmo que falta às unidades da Universidade, sem exceção: modernização total das instalações, desde a funcionalidade dos recintos à correção do material didático.

Após ouvir a palavra do Prof. Campofiorito, procuramos o Catedrático da 2.ª Cadeira de

PINTURA

Trata-se do Prof. Alfredo Galvão, um dos mais devotados lentes da Escola Nacional de Belas Artes, cujo interesse por tudo que se relacione à Escola, seja do passado ou do presente, é grande e, assim, merece assinalemos aqui. Assim sendo, fizemos ao distinto mestre, que se filia à pintura acadêmica, a nossa primeira pergunta:

— Pode-nos assinalar o nome dos vultos mais

interessantes que pertenceram ou pertençam à Escola?

— Sem dúvida, que sim. Iniciemos dizendo que a Escola Nacional de Belas Artes é um dos mais antigos institutos de ensino superior do Brasil. Fundada, como é sabido, no período colonial, em 1816, tem, até hoje, funcionado regularmente, formando grande número dos maiores artistas brasileiros. Dentre os escultores que por ali passaram destacam-se os nomes de Cândido Caetano de Almeida Reis, Francisco Manuel Chaves Pinheiro, Rodolfo Bernardeli, José Otávio Corrêa Lima, Carlos Del Negro, Modestino Kanto, Paulo Mazzucchelli, Antônio Matos, Honório da Cunha e Melo, etc.; dos pintores salientam-se José Corrêa de Lima, de Figueiredo e Melo, Décio Vilares, Henrique Bernardeli, Almeida Júnior, Eliseu d'Ángelo Visconti, Raphael Frederico, Fiúza Guimarães, Rodolfo e Carlos Chambelland, Augusto Bracet, Augusto José Marques Júnior, Henrique Cavaleiro, João Baptista da Costa, Antônio



O Secretário da Escola (de óculos) em palestra com o nosso redator.



Outro aspecto da aula de Desenho. Ao centro, rodeado de alunos, o Prof. Campofiorito.

Parreiras, Cadmo Fausto de Souza, Oswaldo Teixeira, Cândido Portinari, Jurandir Paes Leme, Quirino e Hilda Campofiorito, Georgina de Albuquerque, Lucílio de Albuquerque, Manuel Santiago, Manuel Constantino, Burle Max, Ubi Bava e tantos outros, dos mais acadêmicos aos modernos e inovadores; na delicada arte da Gravura destacam-se Dinorah Azevedo de Simas Enéas, Adalberto Matos, Calmon Barreto, Leopold Campos etc., na Arquitetura elevam-se Heitor de Melo, Arquimedes Memória, Raphael Paixão, Miguel Calmon du Pin e Almeida, R. Saldanha da Gama, Raul Pena Firme, Lúcio Costa, Atílio Corrêa Lima, Lucas Mayerhofer, Paulo Santos, Raphael Galvão, Oscar Niemeyer, Wladimir Alves de Souza, Paulo Pires, etc.;

— Quanto aos professores mais notáveis que passaram pela Casa, poderá citar o nome de alguns deles?

— No corpo docente da nossa Escola têm professado homens ilustres nas ciências e nas artes, como Manuel de Araújo Pôrto Alegre, Barão Homem de Melo, Brant Pais Leme, Pedro Américo, Medeiros de Albuquerque, Vítor Meireles, Zeferino da Costa, Rodo!fo Amoêdo, Araújo Viana, Morales de los Rios, etc.

— Por que transformações de ordem técnica ou administrativa há passado a Escola? É possível assinalar algumas?

— A Escola Nacional de Belas Artes tem tido seus altos e baixos, diversas modificações na sua vida. Durante muito tempo foi o único órgão consultivo do Governo para todas as questões relativas às artes. Depois, tendo sido criados o Serviço do Patrimônio Artístico e Histórico, o Museu Nacional de Belas Artes e tendo-se emancipado o Curso de Arquitetura, seu prestígio antigo ficou dividido e, por outro lado, as oscilações do conceito estético, digamos, antes, as modas artísticas, criando divergências fizeram surgir cor-

rentes contrárias às convicções e à autoridade didática da Escola nas cadeiras especiais de Arte.

Alunos há, e alguns dos mais dotados, que vendo as "vitórias" fáceis de "soi-disant" modernistas, julgam inútil o estudo rigoroso da Natureza, cuidam ser demasiado o conhecimento minucioso da técnica e fatigantes os exercícios de composição, tornando difícil a ação do mestre e precários os resultados obtidos.

— Relativamente à autonomia da Universidade, trouxe a mesma algum benefício para a Escola?

— Com a autonomia concedida à Universidade do Brasil foi facilmente aprovado pelo Conselho Universitário um novo regimento interno prevendo a organização do Curso de Arte Decorativa com cadeiras de Cenografia, Cerâmica, Mobiliária, Tapeçaria, Vitral, etc., e criação de cadeiras novas para os antigos cursos, como as de Teoria, Conservação e Restauração da Pintura e a de "Croquis", as quais deverão concorrer decisivamente para a cultura dos futuros artistas.

Finalmente, indagamos ao Prof. Galvão:

— Qual a sua opinião sobre a Escola Nacional de Belas Artes de hoje?

No momento atual a Escola Nacional de Belas Artes sofre, como as demais unidades universitárias, com a exiguidade de seus orçamentos. É verdade que muito esperamos do Magnífico Reitor, Ignacio Manuel Azevedo do Amaral, homem de grande valor que se encontra à frente da Universidade, no sentido de ser integralmente executado o novo Regimento com suas interessantes inovações, bem como no sentido de enriquecer e organizar suas coleções de arte e as de modelos plásticos, a reorganização do precioso arquivo, o restabelecimento do prêmio de viagem e o reequipamento material das aulas e "ateliers", assuntos, aliás, já previstos e à espera de solução favorável.

Satisfeitos com as respostas que nos dera o Prof. Galvão, procuramos ouvir a palavra do lente de uma das disciplinas mais importantes da Escola. Tal é o Professor da Cadeira de

PERSPECTIVA

A disciplina está entregue a um dos mestres mais conceituados da Escola: o Prof. Gerson Pompeu Pinheiro. Catedrático da mesma Cadeira

na Escola de Arquitetura e interino na de Belas Artes, o Prof. Gerson tem a seu cargo uma das disciplinas de caráter científico no difícil aprendizado da técnica artística. Em virtude disso, fizemos ao ilustre lente a seguinte pergunta:

— Que método adota para tornar útil a matéria que leciona?

— A cadeira de Perspectiva, Sombras e Este-reotomia é lecionada em todos os cursos da Escola Nacional de Belas Artes. A parte mais importante e também a mais interessante para os artistas, é a Perspectiva. Da experiência que colhi em seis anos de magistério, dessa Cadeira, resultou a convicção de que a didática das suas disciplinas deve ser de caráter eminentemente objetivo, isto é, a melhor forma de transmitir aos alunos o conhecimento da matéria é caracterizada pela apresentação abundante de exemplos recolhidos nas obras dos grandes artistas. Para isso, é imprescindível a existência de coleções de estampas e reproduções dessas grandes obras, bem como numerosa coleção de dispositivos para projeções. Outra prática aconselhável é a freqüente visita às galerias de Arte, onde possam ser evidenciadas as leis que devem ser aprendidas.

— E quanto aos meios de que dispõe para realizar isso?

— Espero obter dentro em breve tempo uma completa aparelhagem para tornar o ensino da Cadeira mais eficiente e interessante, e nesta altura é de justiça ressaltar o interesse e a boa vontade, tanto do nosso Diretor, Prof. Fléxa Ribeiro, como do Magnífico Reitor, Prof. Ignacio Manuel Azevedo do Amaral para a consecução desses objetivos.

Quisemos, ainda, entrar em contacto com outro lente da Escola. Fomos ter, assim, ao lente de

DESENHO ARTÍSTICO

Rege esta cadeira a pintora brasileira, Professora Georgina de Albuquerque. Ela fêz há pouco tempo concurso para a Escola Nacional de Belas Artes, tendo sido a indicada pela Banca Examinadora. Inicialmente, dissemos:

— Como vê o ensino artístico no Brasil?

— Vejo o ensino artístico no Brasil em franco progresso, não só dentro de nossa Escola Nacional de Belas Artes, mas em todo o Brasil. Um surto renovador anima o interesse pelas artes plásticas.



Vista lateral do Edifício da Escola Nacional de Belas-Artes

Já possuimos no Rio e em São Paulo oito ou nove exposições abertas ao mesmo tempo. Só o que continua faltando são salões especiais para exposições de arte.

— Seus alunos mostram-se interessados na aprendizagem de sua disciplina?

— Leciono na Escola de Belas Artes a cadeira de Desenho Artístico; tenho uma média de 50 alunos aplicados e interessados na disciplina que é ministrada em dois anos, compreendendo uma série de exercícios gradativos, como prática de Desenho e como processo de execução. Esses exercícios gradativos abrangem o desenvolvimento que vão tomando as aulas para as pesquisas construtivas das formas e dos valores de luz e sombra. O Desenho Artístico sendo o aprendizado das construções, das figuras em suas proporções e sua expressão, todo ensino visa a educação visual, a destreza da mão e o bom gôsto dos alunos para esse fim. Na verdade, êstes seguem sempre com interesse as aulas, porque vão gradativamente

aprendendo o sentido do Desenho, objetivando o que vem a ser a coordenação entre o que se vê e o que se executa. Esse interesse é sempre crescente, porque é fascinante ir mais e mais fazendo surgirem a forma e o volume das figuras, na superfície plana do papel.

— Que material é usado, na Escola, para ser atingido esse objetivo?

— Em Desenho figurado, a figura humana constitui a principal unidade de treino, a fórmula idéia, e o ensino na Escola Nacional de Belas Artes gira em torno das figuras, quer com modelos de gesso (cópia do antigo), quer com modelo vivo. Para estudos de policromia de claro-escuro, são organizados agrupamentos de objetos de matérias e cores diferentes que desenvolvem os conhecimentos de técnicas para solucionarem os efeitos de contrastes e de transposição das matérias diferentes, como sejam, aparas transparentes, brilhantes, leves, pesadas, etc. Os desenhos de croquis, quer em aula, quer nos jardins ou praças públicas,

onde os alunos apanham os flagrantes da vida e do movimento, interessam muitíssimo a todos os estudantes. O croquis é o desenho feito com poucos traços, analisando rapidamente as linhas gerais e as massas de clara-escuro dominantes. O estudo do croquis tem como finalidade apanhar os flagrantes da Natureza e treinar os alunos para o aproveitamento das excursões pelos Estados no período de férias. Aliás, todos os anos por ocasião da exposição escolar é apresentada a dos trabalhos extra-escolares feitos nas excursões, e é aí que se pode avaliar o aproveitamento dos estudantes. Tivemos um bom exemplo na presente exposição dos trabalhos feitos pelos alunos, na Bahia.

Para completar esta reportagem, era necessário ouvir a palavra dos alunos, ou de quem pudesse por êles falar. Foi assim que procuramos o

PRESIDENTE DO DIRETÓRIO ACADÊMICO

Encontra-se atualmente à frente do Diretório Acadêmico da E. N. B. A. o jovem José Silveira d'Ávila, que faz o Curso de Premiações e é também aluno da Escola de Arquitetura. Entusiasmado pelos estudos artísticos, desejoso de conseguir melhor situação — moral e material — para os seus colegas, relativamente à maior eficiência dos cursos, quando pedimos que nos dissesse algumas palavras sobre a Arte no Brasil e, em especial, na Escola Nacional de Belas Artes, afirmou:

— A Arte como expressão, e os artistas como intelectuais, são, sem dúvida, os elementos mais representativos de todos os povos e, como tal, sempre estimados, tornaram-se orgulho das nações que os possuem, não só porque expressam os seus sentimentos e ideais, como também criam uma vida mais elevada. Ora, sendo assim, é justo que se lhes dêem todo o estímulo e meios para que possam fazer suas pesquisas e vivam apenas cuidando dos seus problemas estéticos.

Após estas considerações, continuou o jovem acadêmico:

— No Brasil, o maior centro de ensino artístico é a Escola Nacional de Belas Artes e era de esperar-se que pelo menos ali fôsse um lugar ideal onde os artistas, embora com tôdas as dificuldades, conseguissem encontrar condições e meios propícios para o estudo da técnica das artes plásticas.

— Mas, interrompemos, como deveria ser a Escola?

— Sendo uma Escola com características e fins completamente diversos das Escolas de ciências exatas, deveria ter organização e mecanismo burocrático especiais. Porém tal não se dá, porque o Regimento Interno teve que ser elaborado dentro do padrão das demais Escolas da Universidade e o sistema de funcionalismo é igual ao de qualquer outra repartição pública. Com um horário reduzidíssimo e a burocracia complexa para resolver problemas sutis, muitas vezes escapando à lógica comum, tudo isso vem prejudicar grande número de estudantes que deseja fazer pesquisas especiais.

— Poderá apontar-nos alguns aspectos da Escola?

— Sem dúvida. Enumeremos, em síntese, os elementos a que estão reduzidos a E. N. B. A. Dois terços do edifício é ocupado pelo Museu. O resto é ocupado pelas Escolas de Assistência Social, Faculdade Nacional de Arquitetura e a própria Escola Nacional de Belas Artes, com meia dúzia de salas, algumas delas localizadas em sombrio porão. Tôdas as campanhas que fizemos até hoje, praticamente resultaram em nada.

— Quais, porém, as reivindicações que têm feito a fim de dar maior eficiência ao ensino das Belas Artes?

— Citaremos as seguintes: dar maior objetivo aos trabalhos de aula, ou seja seu aproveitamento direto na confecção de monumentos públicos, como acontece em Portugal; ou pelo aproveitamento dos modelos, executados por alunos nas indústrias de cerâmica, tecidos, etc.; remuneração para tempo integral dos professores; restabelecimento dos prêmios de viagem, ora suspensos e que constituíam o maior estímulo aos alunos, bem como outros prêmios de doação de particulares que tanto podem fazer neste sentido; maior número de professores nas cadeiras especializadas, porque é anti-didático turmas de 30 e 40 alunos com apenas um professor, principalmente em arte, onde o estudo das tendências do aluno devem ser observadas em separado; ajustamento social do aluno, dotando-lhe de conhecimentos práticos que o possa tornar apto para conseguir meios materiais sem sair de seu ramo de atividade; maior intercâmbio intelectual, para integrar os alunos num movimento cultural, por meio de palestras, tertúlias, conferências, convites especiais de professores coisa que absolutamente não é hábito entre nós.

Finalmente, urge um novo sistema de prestação de contas ao governo quanto à freqüência e o aproveitamento dos alunos, ou a eficiência dos ensinamentos, porque o sistema de provas mensais e parciais ou notas, assim como a seriação em período anual, é absolutamente incompreensível para o ensino da arte, onde as surpresas do progresso e a originalidade dos educandos são inesperadas, e as necessidades estéticas alimentadas pela observação, mais direta do que segundo um método fixo, preestabelecido.

Após ouvir as declarações cheias de ardor e fé do presidente do Diretório Acadêmico encerremos estas notas com uma

CONCLUSÃO

A primeira impressão que se tem ao visitar a Escola Nacional de Belas Artes é que ela precisa de todo o seu edifício para acomodar os seus diferentes cursos e oferecer maior conforto aos seus alunos e professores. Na verdade, o que se vê constantemente é a improvisação. Salas pouco iluminadas e pobres de ventilação, material pouco

farto — eis o que completa esta admirável Escola Superior que tantas glórias tem dado à arte brasileira. Por toda a parte os alunos estão em alvorôço, indicando a sua vivacidade e o ânimo para prosseguirem nos seus estudos, mesmo que grandes sejam as dificuldades e enormes as deficiências. O corpo docente, e o Diretor procurando melhorar ao máximo o que deles depende, infelizmente parecem não conseguir esse objetivo. O problema do espaço é cruciante e, pelo que ouvimos, as verbas são reduzidas e limitados os meios para proporcionarem um maior desenvolvimento aos diversos cursos que fazem parte do currículo acadêmico. Merece, porém, assinalemos aqui o espírito de sacrifício a que todos — mestres e discípulos — estão submetidos, sem possibilidade, no momento, de obterem solução para suas vicissitudes. Foi, portanto, com grande simpatia que visitamos a E. N. B. A. e daqui, modestamente, nada mais podemos fazer que juntar, ao apelo da juventude, o nosso, para que o poder público resolva os problemas mais fundamentais para a vida dessa instituição, que tanto honra o Brasil.
